

EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS, DESCOBRIMENTOS GEOGRÁFICOS E EXPANSÃO POLÍTICA: OS ESTADOS UNIDOS E AMÉRICA LATINA NO SÉCULO XIX.

ERNESTO A. RUIZ*

Um aspecto pouco estudado das relações entre os Estados Unidos e a América Latina no século XIX é o papel que desempenharam as expedições científicas norte-americanas nos países colonizados pela Espanha e Portugal. Essas expedições deram uma nova visão da América Latina ao governo e à sociedade norte-americana, ao mesmo tempo que criaram nos países visitados uma percepção dos Estados Unidos que nem sempre foi favorável para essa nação. O propósito deste trabalho é analisar os motivos ideológicos e os mecanismos econômicos e políticos que motivaram o governo, os homens de negócios e a comunidade científica norte-americana a explorar os países da América Latina em meados do século XIX.

Entre 1829 e 1861 os Estados Unidos realizaram dezessete expedições científicas fora de seu território¹. A expedição do Capitão Benjamin Pendleton ao hemisfério sul de 1829 foi a primeira expedição ultramarinha patrocinada pelo governo dos Estados Unidos. Esta expedição, porém terminou em um fracasso, serviu como incentivo para a realização da Expedição Exploratória dos Estados Unidos em 1838 a cargo do Tenente da Marinha Charles Wilkes². Concebida como uma ajuda para os interesses baleeiros e o comércio com a América Latina, a expedição de Wilkes ao regressar a Nova York em 1842, havia obtido informação sobre a geologia, antropologia, hidrografia, cartografia, meteorologia,

*Professor do Departamento de História da UFSC.
GEOSUL - Nº 2 - 2ª sem. 1986.

botânica e etnografia da América Latina e das ilhas do Pacífico Central.

A principal consequência da viagem de Wilkes foi que esta expedição serviu de modelo para o ciclo de exploração que terminou com o início da Guerra Civil. Começando em 1847, com a expedição de W. F. Lynch ao Mar Morto os Estados Unidos realizaram quinze expedições científicas de caráter ultramarinho. Seis dessas expedições visitaram a América Latina, quatro a região Ártica, uma o Oriente Médio, outra a costa ocidental da África e uma terceira o Atlântico Norte. Com a exceção das expedições de Grinnell à região Ártica, todas as expedições foram realizadas pelo governo dos Estados Unidos.

A partir da primeira expedição de Grinnell ao Ártico em 1850, a participação do governo federal em expedições científicas se caracterizou por prever somente pessoal militar sem contribuir com barcos e equipamento científico. Na prática, todavia, todas estas expedições foram de caráter militar em organização e comando. Possivelmente porque prevaleceu a idéia que os militares deviam ser empregados utilmente em períodos de paz. Também, para os oficiais de carreira, a participação em expedições científicas em períodos de paz, era um dos poucos meios disponíveis para avançar mais rapidamente na hierarquia militar. Por outro lado, as expedições científicas sempre dependeram de pessoal civil, recrutado no Smithsonian Institution ou outros círculos científicos, para recolher informação e publicar os resultados dessas empresas de exploração. Mas todas essas expedições se caracterizaram por mostrar um certo tipo de continuidade de pessoal e propósito, todas elas foram missões AD-HOC, florescendo por um tempo e logo descontinuadas.

A pressão da opinião pública foi possivelmente o principal fator que determinou a participação do Governo Federal em expedições científicas. Homens de negócios, burocratas, comerciantes, armadores, agricultores, membros das forças armadas e homens da ciência pressionaram o governo e o Congresso dos Estados Unidos a financiar a investigação científica, em áreas onde eles puderam ver vantagens práticas para seu próprio benefício. As demandas impostas sobre o governo refletiram as necessidades de expansão econômica e política que dominava a nação nesse pe-

ríodo. Essas demandas, contudo, geralmente eram solicitadas ao Governo Federal, através de instituições de reconhecido prestígio tais como o Smithsonian Institution, a American Philosophical Society, o Coast Survey, O Naval Observatory e a American Geographical e Statistical Society de Nova York. Outras vezes, o mesmo Governo Federal solicitava ajuda a essas instituições para mobilizar a opinião pública a favor de projetos expedicionários próprios.

A exploração geográfica dominou a investigação científica e as áreas de estudo patrocinadas pelo Governo Federal, que nesse período, superou as Universidades e sociedades provadas como mecenas da ciência. Na primeira metade do século XIX, a geografia, considerada como um conhecimento enciclopédico, dominou a investigação científica da época³. Os estudos geográficos foram divididos em duas grandes áreas, a história natural e o geofísica, e ambas as áreas de conhecimento foram combinadas em toda expedição científica, onde espécies e medidas eram recolhidas e analisadas. Seis áreas de estudo dominaram a geografia: astronomia, botânica, taxonomia, paleontologia, geologia e meteorologia. A maioria dos investigadores estudaram os aspectos físicos da terra, os oceanos e a atmosfera: químicos analisaram pedras e minerais recolhidos em regiões remotas; físicos acompanharam agrimensores e estudaram os efeitos do magnetismo terrestre; matemáticos calcularam as dimensões da terra a partir de dados geodésicos; e, astrónomos estudaram o movimento de nuvens e ventos. Naturalmente, essas ciências para prosperar, precisaram mostrar que seus resultados podiam levar a algum benefício prático e as expedições científicas se justificaram em função de servir ao interesse público.

A disseminação dos resultados obtidos pelas expedições científicas, através do governo e instituições acadêmicas, deram um melhor conhecimento do planeta e ajudaram para que as ciências geográficas se transformassem em um instrumento de, e um meio para, racionalizar o processo de expansão política e econômica. Mais precisamente, idéias geográficas em sua forma mais vulgarizada se transformaram em uma nova ideologia. Com a incorporação do Texas e o território de Oregon aos Estados Unidos, na segunda metade da década de 1840, se havia decidido

realizar materialmente os objetivos propostos pela doutrina do Destino Manifesto.

Com a criação de uma nação banhada por dois oceanos, toma lugar uma redefinição da doutrina do Destino Manifesto, onde a geografia e a idéia de "progresso" se transformaram em um novo motor da história⁴. A crença que a conformação física da terra determinou o destino das nações, foi incorporada a teorias de expansão sustentadas em elementos econômicos, políticos e religiosos. Propagandistas como Matthew F. Maury, Arnold Guyot, William Gilpin e outros pensaram que a natureza física da terra, concebida como uma totalidade orgânica, governou o destino das sociedades humanas. Os continentes e os mares, as cordilheiras e os sistemas hidrográficos, o clima e os ventos, se agruparam de tal maneira criando uma ordem perfeita e absoluta. Esta ordem, determinou a condição da civilização humana elevando os Estados Unidos para cima de todas as nações da terra⁵.

A idéia que os Estados Unidos ocupou uma posição geográfica privilegiada em relação aos oceanos e continentes do globo terrestre, contribuiu notavelmente na formulação da doutrina do Destino Manifesto. Esta doutrina sugeriu mais que a criação de uma nação de tamanho continental, onde Deus e a natureza foram as forças diretas desta expansão desde o oeste do rio Mississipi. Em seus aspectos mercantis, a doutrina do Destino Manifesto, concebeu os Estados Unidos como uma ponte terrestre entre a Europa e Ásia, monopolizando o comércio mundial através do controle econômico dos oceanos Atlântico e Pacífico, os quais seriam unidos através de estradas de ferro continentais.

O novo determinismo geográfico que surgiu logo que Texas e Oregon materializaram os objetivos da doutrina do Destino Manifesto, incorporou a idéia que o conceito determinante para compreender os homens e as nações não foi sua história passada e suas tradições culturais, senão o ajuste biológico dos mesmos a seu meio ambiente, que não só foi assunto do passado senão também do futuro. Se a terra foi o árbitro final do destino humano, então a força que dirigiu o desenrolar da sociedade não foi a história senão a geografia.

Esta nova ideologia não foi um produto meramente intelectual. Ela surgiu de considerações práticas resultantes da in-

corporação de todo o território a oeste do rio Mississippi, da rápida industrialização que tomou lugar nas duas décadas anteriores a Guerra Civil, da necessidade de unir o comércio asiático com a costa do Atlântico e do descobrimento de ouro na Califórnia⁶. Na medida que uma estrada de ferro continental não fora construída, a conexão entre o Atlântico e o Pacífico foi concebida a partir de uma rota marítima através do Pólo Norte ou com a construção de um canal ou estrada de ferro inter oceânica, na América Central. Também contribuiu ao desenrolar desta nova ideologia, o problema da escravidão, que intensificou a discussão política norteamericana com a incorporação de novos territórios a nação. Entre as várias soluções propostas ao problema da escravidão, estava aquela de mandar os negros a colonizar novos territórios na África ou na Região Amazônica⁷. Todos estes projetos requeriam informação geográfica sobre determinadas partes da terra, como também a extensão do poder e a influência norteamericana fora do território dos Estados Unidos. Não foi por azar que a geografia foi considerada a estrela mais brilhante no cosmos da ciência.

Seis expedições científicas norteamericanas visitaram a América Latina entre 1849 e 1861. A Expedição Astronômica-Naval ao Hemisfério Sul (1849-1853) comandada pelo Tenente James M. Gillis, foi a primeira expedição norteamericana enviada especificamente ao cone sul. Além de realizar medições para determinar a distância entre o sol e a terra, esta expedição recolheu informações sobre a agricultura, a política e o comércio do Chile e, com a ajuda de Archibald McRae, também sobre a Argentina. Possivelmente esta foi a única expedição enviada com um verdadeiro espírito científico ao sul da América. As expedições de Herndon y Gibbon (1851-1852) ao rio Amazonas e a de T.J. Page ao Rio del Plata em 1853, não se limitaram exclusivamente a recolher informações científicas. Estas empresas exploratórias tiveram também por objetivo estudar as possibilidades econômicas das regiões visitadas e, no caso de alguma delas estar fechada para o comércio internacional, como foi o caso do rio Amazonas e Paraguai, influenciar os governos desses países a abrir essas áreas a capital e a colonização norteamericana.

Outras três expedições foram enviadas a América Central, pa-

ra determinar uma possível rota para construir um canal inter-oceânico ou uma linha férrea transcontinental como também, encontrar lugares adequados para estabelecer bases carboníferas para os barcos de vapor da Marinha dos Estados Unidos. As expedições de Strein em 1853 e a de N. Michler em 1857-57 exploraram o Istmo de Darien e a de F. Engle em 1860 visitou o Istmo de Chiriqui. Estas expedições, todavia, não foram de grande envergadura e seus resultados não despertaram grande interesse devido a duas razões básicas. Em 1855 entrou em operação a Panama Railroad Company, a primeira estrada de ferro trans-oceânica construída no hemisfério ocidental. A segunda razão foi que em 1858 entrou em funcionamento a Louisiana Tehuantepec Company que iniciou um serviço de correios unindo Nova Orleans com São Francisco através do território Mexicano⁸.

As expedições a região amazônica e ao Rio del Plata e seus tributários foram quem sabe as que mais despertaram a imaginação de burocratas, homens da ciência e negócios e políticos na década de 1850. A competência política com França e Grã Bretanha na América do Sul, a expansão do comércio norteamericano e a solução do problema da escravidão, foram os fatores interrelacionados que levaram o governo dos Estados Unidos a pensar nessas regiões como um instrumento para solucionar os problemas domésticos que afetavam a nação.

Em uma época dominada pela navegação a vapor, os sistemas hidrográficos do Amazonas e do Rio del Plata foram vistos como os meios mais apropriados para unir a costa Atlântica com o interior do continente sul americano. A região Amazônica assim como o Paraguai estiveram fechadas ao comércio internacional na década de 1850. A idéia de explorar a região Amazônica e pressionar o Império do Brasil, a abrir esse território a inversão e ao comércio norteamericano, foi produto de Matthew Fontaine Maury, Superintendente do Observatório Nacional de Washington. A abertura do Paraguai aos interesses comerciais dos Estados Unidos, por sua parte, foi resultado dos planos de Edward A. Hopkins, da pressão da American Geographical and Statistical Society (AGSS) e da política do governo dos Estados Unidos. As idéias de Maury e Hopkins se materializaram com a realização da Expedição de Herndon e Gibbon ao rio Amazonas e a Expedição de

T.J. Page ao Rio del Plata.

A Expedição de Herndon e Gibbon a região Amazônica só pôde ser explicada a partir das teorias geopolíticas de Maury, as quais ele expôs em diferentes livros e panfletos publicados nas duas décadas anteriores a Guerra Civil. Maury foi o mais prestigioso hidrógrafo da Marinha dos Estados Unidos. Seus conhecimentos relativos a estradas de ferro e comércio exterior, principalmente como conselheiro de homens de negócios e políticos dos estados sulinos, o levaram a pensar que a navegação a vapor modificou as relações entre os continentes⁹.

Para Maury a vida civilizada só se desenrolou em regiões banhadas por rios, pois estes foram essenciais para a produção de riquezas e serviram, ao mesmo tempo, como grandes artérias comerciais, base de toda civilização. Maury observou que no mundo existiam dez rios que cobriam uma área de drenagem de mais de meio milhão de milhas quadradas. Desse total, os sistemas hidrográficos mais importantes foram o rio Amazonas, incluindo os rios Tocantins e Orinoco, o Mississipi e o Rio del Plata e seus afluentes. Estes rios foram importantes não só pela área de drenagem que cobriam mas também porque as águas de todos eles alimentaram o comércio do oceano Atlântico, que em sua opinião foi o mais proeminente dos mares¹⁰.

Em suas investigações hidrográficas, Maury havia notado que uma madeira flutuando na boca do rio Amazonas seria levada pelas correntes marítimas até o norte, passando pelo mar do Caribe e pelo Golfo do México e, alcançando a desembocadura do rio Mississipi, até a altura do canal da Flórida, se integraria a corrente do Golfo, alcançando as costas da Europa. Maury também notou que os ventos que sopraram em direção ao sul desde os Estados Unidos, alcançavam as Antilhas Menores e, portanto, foram favoráveis a navegação em direção ao hemisfério sul¹¹. A partir deste fenômeno, sua vivida imaginação o levou a pensar que barcos a vapor navegando a região Amazônica e o rio Mississipi, desenrolariam um lucrativo comércio. Mais importante, contudo, foi que Maury pensou que a região Amazônica foi uma "Extensão natural" do Mississipi, justificando assim a necessidade dos Estados Unidos de expandir-se politicamente sobre essa região¹².

Maury também pensou que o destino dos estados escravistas estavam intimamente ligados ao futuro da região Amazônica. Não só a população escrava crescia mais rapidamente que a população branca senão também que o sul não poderia emancipar seus escravos sem destruir seu capital. Nos Estados Unidos o território disponível para ser cultivado pelo trabalho escravo foi limitado. Portanto, o excedente de população negra poderia ser canalizado para o Brasil. Maury concluiu que a região Amazônica podia transformar-se em uma "válvula de segurança" para a estabilidade política dos Estados Unidos e um seguro contra um possível conflito racial¹³.

Para poder colocar em prática seu plano, Maury precisou superar dois obstáculos. O primeiro foi convencer a opinião pública, especialmente aos interesses escravistas, da importância da região Amazônica. O segundo obstáculo foi criar um meio para acreditar que o império do Brasil, abrisse o rio Amazonas a "livre navegação" e permitisse a colonização norte-americana da região. Maury possivelmente chegou a conclusão que suas idéias teriam mais peso se seus argumentos fossem justificados por pessoas idôneas que visitassem a região amazônica. Foi quem sabe nestas circunstâncias que tomou lugar a expedição ao rio Amazonas.

A expedição foi oficialmente autorizada pelo Secretário da Marinha William A. Graham, em outubro de 1850, que designou ao Tenente William Lewis Herndon, cunhado de Maury, como líder da expedição. Herndon recebeu dois tipos de instruções. As instruções oficiais de Graham, que foram cautelosas e circunspectas e se limitaram a ordenar a Herndon a explorar o rio Amazonas desde seu nascimento até sua desembocadura e, as instruções privadas de Maury, onde estava explícito que o objetivo principal de sua expedição era preparar o caminho para a colonização norte-americana da região amazônica e possivelmente sua incorporação política aos Estados Unidos¹⁴.

Herndon que se encontrava no Pacífico, recebeu as instruções de Graham em Lima, das mãos do Tenente Lardner Gibbon, que se uniu à expedição, que partiu em maio de 1851. Enquanto Herndon seguiu o curso do rio Amazonas navegando até o Pará, explorando também um número importante de tributários, outro gru-

po liderado por Gibbon, desde a Bolívia, navegou o rio Madeira, para depois seguir o curso do rio Amazonas. Ao mesmo tempo, Maury, nos Estados Unidos, iniciou uma campanha propagandística a favor da livre navegação do rio Amazonas, principalmente através da imprensa, agitando a opinião pública a favor de seus planos e preparando o terreno para o regresso da expedição¹⁵.

Quando em fevereiro de 1853 foram publicados, por ordem do Congresso, os resultados da expedição, foi óbvio que os dados recolhidos por Herndon e Gibbon não corresponderam às expectativas de Maury, principalmente porque Herndon, apesar de recomendar a colonização da região, sugeriu que muitos anos e um grande número de colonizadores seriam necessários para transformar a região amazônica em um projeto econômico viável¹⁶.

Os resultados da expedição como críticas a colonização da região amazônica circularam amplamente na imprensa. Grupos abolicionistas atacaram Maury pessoalmente por suas idéias expansionistas e o debate também se estendeu até a América do Sul¹⁷. As conseqüências mais importantes deste debate foi que o império do Brasil prolongou a abertura do rio Amazonas ao comércio internacional até dezembro de 1866¹⁸. Por esta época a escravidão havia sido abolida nos Estados Unidos, Herndon estava morto e Maury, completamente desacreditado por sua participação ao lado da Confederação durante a Guerra Civil, havia se refugiado ao México. Escravistas sulinos nunca colonizaram a região amazônica mas um número importante de confederados emigraram ao Brasil ao terminar a Guerra Civil¹⁹.

A abertura do Paraguai ao comércio internacional sempre foi dependente da política de Buenos Aires, que controlou arbitrariamente a navegação do Rio del Plata durante o governo de Juan Martin de Rosas. Em 1845, Carlos Antonio Lopez, sucessor de José Gaspar Rodrigues de Francia, reverteu a política de seu antecessor e informou, a representantes diplomáticos norte-americanos em Buenos Aires e Rio de Janeiro, que a presença dos Estados Unidos na região seria bem recebida. Em junho desse ano, o governo norte-americano designou a Hedward A. Hopkins, como agente consular no Paraguai. Embora Hopkins foi demitido de sua posição oficial em março de 1846, ele permaneceu os cinco anos seguintes explorando o Paraguai e estabelecendo con-

tatos em Assunción²⁰.

Paralelamente através de uma campanha publicitária Hopkins quis criar nos Estados Unidos um clima favorável para a inversão norteamericana no Paraguai. Ao seu regresso aos Estados Unidos e com a ajuda de capitalistas de Rhode Island, formou a United States and Paraguai Navigation Company e também conseguiu ser designado cônsul dos Estados Unidos em Assunción²¹. Hopkins procura o apoio da American Geographical and Statistical Society, a qual pressionou o governo para que enviasse uma expedição científica ao Rio del Plata²². A caída de Rosas em fevereiro de 1852 e a posterior abertura do Rio del Plata por Justo José de Urquiza materializou a expedição do Walter Witch comandada por T.L. Page.

O propósito da expedição foi determinar a navegabilidade dos tributários do Rio del Plata e as possibilidades econômicas da região para os interesses comerciais norteamericanos. Page também foi encomendado para negociar um tratado de navegação e comércio com o governo do Paraguai e, por solicitação de Matthew F. Maury, descobrir se os sistemas hidrográficos do Amazonas e do Plata estavam unidos em algum lugar no interior do continente. Esta solicitação de Maury explica, em parte, porque Page tratou de navegar o rio Paraguai e entrar em território brasileiro, uma ação que contribuiu para por fim às boas relações entre a expedição e o governo de Lopez²³.

Em 1853 existiam duas expedições na região do Plata. Uma de caráter científico comandada por Page e outra, de caráter comercial, enviada pela empresa de Hopkins. Em prática, ambas tinham por propósito a expansão dos interesses comerciais e a influência dos Estados Unidos na região²⁴. Enquanto que Hopkins organizava sua empresa no Paraguai, Page explorava os rios Alto Paraná e Paraguai. Embora Lopez inicialmente favoreceu em todo sentido a empresa de Hopkins, ele limitou a navegação de Page a uma pequena porção de território paraguaio. Dificuldades entre o governo paraguaio e os representantes norteamericanos aumentaram durante o ano de 1854 e o seguinte e terminaram em setembro de 1854, quando Hopkins foi expulso do Paraguai e sua empresa comercial destruída²⁵. Lopez também proibiu a entrada de barcos de guerra estrangeiros ao Paraguai pondo fim a expe-

dição de Page em território paraguaio. Quando Page enviou ao Tenente William N. Jeffers a explorar o rio Paraná nos limites com a Argentina e este intento entrar em águas paraguaias, o forte Itapiru abriu fogo matando o piloto do barco norteamericano.

Ele inicialmente levou o que o governo dos Estados Unidos enviara dos agentes ao Paraguai para obter um tratado com Lopez e reparações materiais para a empresa comercial de Hopkins. Quando este procedimento não deu resultado, Page e a American Geographical and Statistical Society pressionaram o governo dos Estados Unidos a enviar ao Rio del Plata, uma frota de 19 barcos de guerra e dois mil e quinhentos homens em 1857²⁶. Com a presença naval dos Estados Unidos e a intervenção do Presidente Argentino Justo José de Urquiza, o governo de Lopez, depois de longas deliberações, concordou no começo de 1859 com as demandas norteamericanas²⁷.

A expedição de Page como a de Herndon e Gibbon foram pioneiras em criar no Paraguai e no Brasil uma atitude de receio aos Estados Unidos. Principalmente porque estas expedições, justificadas em termos científicos, teriam como propósito real estender a influência política e econômica dos Estados Unidos nas regiões visitadas.

Por outro lado, essas mesmas expedições mostram que a idéia de expansão foi uma parte integral da política externa dos Estados Unidos, nas décadas anteriores à Guerra Civil. Do ponto de vista da história das idéias, a ideologia expansionista de 1898, principalmente em seus aspectos geopolíticos, tiveram suas origens em uma nação primordialmente agrícola. Tais idéias de expansão foram anteriores e ajudaram necessariamente ao desenvolvimento industrial norteamericano e sua co-relativa ideologia. A expansão ultra-marinha foi também uma condição para o funcionamento de um sistema democrático e capitalista na medida que o engrandecimento, territorial e comercial, foi um instrumento para solucionar problemas domésticos sem modificar as instituições básicas sobre as quais se sustentou a sociedade norteamericana.

NOTAS

- ¹Para uma relação sobre as expedições científicas total ou parcialmente financiadas pelo governo dos Estados Unidos, consultar, Max Meisel, **A Bibliography of American Natural History. The Pioneer Century, 1769-1865.** 3 volumes (New York, The Premier Publishing Co., 1924-29). Também ver **New York Herald**, May 23, 1853.
- ²Ver, Nathan Reingold (ed.), **Science in Nineteenth-Century America. A Documentary History.** (New York, Hill & Wang, 1964) pp. 108-110; A Hunter Dupree, **Science in the Federal Government.** (Cambridge, Mass, Harvard University Press, 1957) pp.180-181; e J.M.Gillis, **The U.S. Naval - Astronomical Expedition.** (Washington, 1855), 3 rd. Cong., 1st. Sess., H.R. Exp. Doc. 121(Ser. 178).
- ³Reingold, **Science**, pp.59-61.
- ⁴Albert K. Weinberg, **Manifest Destiny** (Chicago, Quadrangle Books 1963) pp.43-71 e Frederick Merk, **Manifest Destiny and Mission in American History. A Reinterpretation.** (New York, Knopf, 1970) discutiram as implicações ideológicas do conceito do Destino Manifesto. Sobre a nova ideologia expansionista que se originou depois da Guerra com o México. Consultar, Henry Nash Smith, **Virgin Land. The American West as Symbol and Myth** (New York, Vintage Books, 1950) pp.3-51; Norman A. Graebner, **Empire in the Pacific** (New York) Roland Press Co., 1955) pp. vi, 2-5 e 217; Charles Vevier, "American Continentalism. An Idea of Expansion". **American Historical Review**, 65 (Janeiro, 1960) pp.323-355.
- ⁵Arnold Guyot, **The Earth and Man.** (Boston, Gould, Kendall & Lincoln, 1849); William Gilpin, **The Central Gold Region: The Grain Pastoral and Gold Regions of North American.** (Philadelphia, Sower, Barnes & Co., 1860); e, Matthew F. Maury, **The Physical Geography of the Sea and its Metereology.** (New York, Harper & Brothers, 1855).
- ⁶Douglas C. North, **The Economic Growth of the United States, 1790-1860.** (New York, W.W. Norton and Co., 1966) pp. v, 234 e 284 e Thomas C. Cochran, "Did the Civil War Retarded Industrialization?" **Mississippi Valley Historical Review**, 48 (September, 1961) pp.197-210.

- ⁷ Andrew N. Cleven, "Some Plans for Colonization with Liberated Negro Slaves in Hispanic America", *Journal of Negro History*, 11 (janeiro, 1926) pp.35-49.
- ⁸ David Howarth, *The Golden Isthmus* (London, Collins, 1966) pp. 162-175 e John McLead Murphy, "The Isthmus of Tehuantepec-Its Inhabitants and Resources", *Journal of the American Geographical and Statistical Society*, I, no. 6 (Junho 1859) pp.162-177.
- ⁹ Uma biografia de Maury pode ser encontrada em J.A. Coskie, *Life and Letters of M. F. Maury* (Nova York, 1928) e uma biografia de seus trabalhos tem sido publicada no *Bulletim of Virginia Polytechnic Institute*, vol. 24, no. 2 (Dezembro, 1930). Para uma análise de suas teorias expansionistas consultar Edward Leon Towle, "Science, Commerce and the Navy on the Seafaring Frontier (1842-1861). The Role of Lieutenant M.F. Maury and the US Naval Hydrographic Office in Naval Exploration, Commercial Expansion and Oceanographic Research Before the Civil War, (Ph.D. Dissertação, University of Rochester, 1966) e Ernesto A. Ruiz, "Geopolítica e Expansão: Matthew F. Maury e a Expedição de Herndon e Gibbon ao Rio Amazonas (1851-52)", *Revista de Ciências Humanas*, III, no. 5 (Março 1984) pp.59-75.
- ¹⁰ Matthew F. Maury, *The Physical Geography of the Sea*, originalmente publicada em 1855, este trabalho utilizou a edição crítica preparada por John Leighy (Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1963) pp.8, 28 e 37.
- ¹¹ M.F. Maury, "The Great Commercial Advantages of the Gulf of México", *De Bow's Review*, 7, (Dezembro, 1849) pp.510-523.
- ¹² John P. Harrison, "Science and Politics: Origins and Objectives of Mid-Nineteenth Century Government Expeditions to Latin América", *Hispanic - American Historical Review* (HASR) 35 (maio, 1955) pp.187-188.
- ¹³ Ver: M.F. Maury, "Direct Foreign Trade of the South", *De Bow's Review*, 12 (fevereiro, 1852) pp.144-148 e "Address on Behalf of a Resolution Offered in the Southern and Western Commercial Convention, Baltimore, Dezembro, 28, 1852", *Western Journal and Civilian*; 9 (fevereiro, 1853) p.328.
- ¹⁴ As instruções de Graham foram publicadas em W.M. Lewis Herndon & Lardner Gibbon, *Exploration of the Valley of the Amazon*, I

(Washington, Robert Armstrong Printer, 1853) pp.24-26 e as instruções de Maury foram publicadas por Donald Marquand Dozer, "Matthew Fontaine Maury's Letter of Instruction to William Lewis Herndon", *HAHR*, 28 (May, 1948) pp.212-228.

¹⁵ A Campanha publicitária foi conduzida através de uma série de cartas firmadas com o pseudônimo de 'Inca' e elas apareceram principalmente na *National Intelligencer* e na *Union*, e posteriormente foram publicadas em forma de livro com o título *The Amazon and the Atlantic Slopes of South America* (Washington, Franck Taylor, 1853).

¹⁶ Ver, Herndon, *Exploration*, I, pp.188-190 e 341.

¹⁷ Consultar, por exemplo, *Putman's Monthly Magazine*, III (March, 1854) pp.272-279; *Hunt's Marchant Magazine*, (julho, 1854) pp. 39-56; *De Bow's Review*, 16 (March, 1854) pp.231-251; *New Englander*, 12 (August, 1854) p.379 e, Pedro M. de Angelis, *De la Navegacion del Amazonas, Respuesta a una Memoria de M. Maury Oficial de la Marina de los Estados Unidos*. (Montevideo, Imprenta del Rio de la Plata, 1854).

¹⁸ Lawrence F. Hill, *Diplomatic Relations Between the United States and Brazil* (Durham, Duke University Press, 1932) pp.216-238 e Precy A. Martin, "The Influence of the States on the Opening of the Amazon to the World's Commerce", *HAHR*, 1(1918) pp.146-162.

¹⁹ Hill, *Diplomatic Relations*, pp.239-258.

²⁰ Harrison, "Science and Politics", pp.20-21. Sobre Hopkins, consultar, *Washington Post*, Junho 11, 1891; Harold F. Peterson, "Edward A. Hopkins: A Pioner Promoter in Paraguay", *HAHR*, 22 (Maio, 1942) pp.245-261 e Victor L. Johnson, "Edward A. Hopkins and the Development of Argentine Transportation and Communication", *HAHR*, 26 (Fevereiro 1946) pp.19-37.

²¹ Harold F. Peterson, *Argentina and the United States (1810-1960)*. (Nova York, State University of New York, 1964) pp.134-136. Os artigos de Hopkins incluem, "The Republic of Paraguai since the Death of the Dictator Francia", *The American Review*, VI (julho, 1847) pp.245-260; "The National History of Paraguai: with some account of the Jesuits", *Ibid.* VII (janeiro, 1848) pp.49-69; "Histórico-Political Papers Upon the External Affairs of the

Powers of Atlantic South América", **Weekly National Intelligencer** (Washington) Abril, 21, 1849; 'Navegation of the Confluents of the Rio de la Plata, "**The Merchants' Magazine and Commercial Review**, XXI (Julho, 1841) pp.86-95; e "The Geography, History, Productions, and Trade of Paraguai", **Bulletin**(of the AGSS), I (agosto 1852) pp.14-42.

²² **Bulletin** (of the AGSS), I (Agosto 1852) pp.66-72.

²³ Ver, T.J. Page, **La Plata, the Argentine Confederation and Paraguai**. (Nova York, Harper, 1859) pp.567-569; Peterson, **Argentina**, p.168 e Harrison, **Science and Politics**, p.197.

²⁴ **The Geographical and Commercial Gazzette**, I (Janeiro 1855) p. 3.

²⁵ Johnson, "Hopkins", p.22; Peterson, "Hopkins", pp.255-56 e **Argentina**, pp.167-168..

²⁶ John K. Wright, **Geography in the Making. The American Geographical Society, 1851-1951**. (Nova York, American Geographical Society, 1952) p.29.

²⁷ Harrison, "Science and Politics", p.197.